

À Ana Brandão, Anália Torres, Raquel Matos e Sílvia Portugal, pelos inspiradores comentários em relação a este estudo.

Às minhas e meus colegas pela paciência e pela partilha de conselhos, desabafo e confissões.

Aos membros da equipa Exchange, pelo companheirismo e pela permanente ajuda a enfrentar novos desafios.

Às minhas amigas e amigos pela forma como, longe ou perto, se sabem fazer presentes, aliviando pressões, partilhando prazeres e inspirando novos caminhos.

Ao Igor, pela paciência com que ouve, pela tranquilidade que transmite e pela harmonia que cultiva.

À Mel, companheira de todos os dias, pela amizade, pela alegria e pelos ensinamentos.

À minha família, e em especial aos meus pais, pelas palavras e gestos de incentivo, apoio e compreensão permanentes, incondicionais e inesgotáveis.

PREFÁCIO

Manuela Ivone Cunha e Helena Machado

Os estudos prisionais têm conhecido uma expansão assinalável a vários títulos. Em primeiro lugar, por via de uma estimulante diversificação de perspetivas e modos de leitura que nos dão a ver diferentes mundos e diferentes vidas tocadas pela reclusão, nas suas incontáveis facetas. Depois, porque na instituição prisional cruzam-se hoje, porventura mais do que nunca e sobretudo de novas maneiras, questões sociais de fundo – além de políticas, no sentido mais amplo do termo –, muito para lá das mais imediatamente circunscritas ao crime, a quem delinqui, e à forma como uma sociedade reage a ambos. Por fim, porque tem feito cada vez mais caminho a ideia de que a reclusão tem uma dimensão coletiva, no sentido em que essa experiência não afeta apenas os indivíduos que se encontram reclusos e são alvos diretos do sistema penal. Afeta também o meio além-muros de onde provêm, começando desde logo pelos seus familiares.

É nesta linha que se inscreve o notável trabalho de Rafaela Granja. Além do seu valor e qualidade intrínsecos, ele traz um duplo contributo ao avanço dos estudos prisionais. Primeiro, ao aprofundar no país o estudo das relações familiares na penumbra da prisão, contemplado em diversas modalidades intra e extra-muros em investigações em contexto prisional português desde os anos 1980. Tornado aqui em objeto central de investigação, tal permite não só o seu desenvolvimento, como contribui para consolidar as bases de uma visão panorâmica sistemática das continuidades e mudanças observáveis neste campo ao longo do tempo. De facto, uma parte da originalidade e importância desta obra consiste em tratar-se do primeiro estudo realizado em Portugal que procura dar voz aos/as reclusos/as e seus familiares no que diz respeito ao modo como experienciam as relações familiares à luz da monitorização penitenciária. Num estilo eloquente, este livro contam-nos como é que as barreiras físicas dos muros da prisão instigam a reconstruir criativamente laços, cuidados e emoções num tráfego constante de pessoas e bens, para dentro e para fora.

Em segundo lugar, vem alimentar e alargar o âmbito da desejável – mas ainda demasiado estreita e incipiente – comparação internacional, ao replicar em Portugal uma linha de abordagem que tem conhecido desenvolvimentos particularmente estimulantes noutros países, nomeadamente com os trabalhos de Megan Comfort e Caroline Touraut. Também aqui podemos constatar, agora a partir da riqueza de materiais locais, a diversidade e a complexidade de experiências que marcam as relações familiares sob o signo da reclusão, ou à prova dela. Ao desvendar a pluralidade de experiências e significados atribuídos aos efeitos da reclusão nos relacionamentos familiares, o estudo de Rafaela Granja permite repensar criticamente várias assunções dominantes sobre as relações familiares em contexto de reclusão.

Este livro, onde transparece a sensibilidade e inteligência da investigação de terreno de que resulta, tem assim uma real relevância no panorama dos estudos prisionais, para além da sua óbvia valia para todos/as quantos/as intervêm nestes universos. Vem sublinhar a necessidade de ver para além dos esperados efeitos desagregadores e desestruturantes da reclusão, perspetivando antes a pluralidade, flexibilidade e mutabilidade das situações familiares. Através das narrativas de reclusos/os e de seus familiares, desvendam-se complexidades, tensões e oscilações entre a família como força estabilizadora e restauradora e as relações e trajetórias de vida fragilizadas e altamente vulneráveis.

Por fim, os testemunhos e os trajetos de vida que esta obra apresenta oferecem elementos importantes para o desenho de políticas públicas atentas às realidades concretas experienciadas por reclusos/as e respetivas famílias. Na linha de sucessivas tentativas do sistema penal português de humanizar os ambientes prisionais, este livro representa um marco crucial não só para conferir visibilidade política e organizacional à família das/os reclusos/os, como para consolidar a necessidade de criação de condições, em meio prisional, que facilitem a preservação de laços entre o mundo prisional e o mundo para além dos muros.